

OS MUSEUS E AS COISAS: SOBRE AS COLEÇÕES DOS “NOVOS MUSEUS”.

Apresentação Oral

RESUMO

A prática museológica tem sofrido alterações significativas ao longo do último século. Os “novos” museus não necessitam de um espaço físico consolidado, tornam-se espaços que convocam a ação dentro do território musealizado ao se preocuparem em atender as expectativas da comunidade representada. Ao apresentar reflexões de três pesquisas em andamento sobre o Programa Pontos de Memória busca-se dialogar com três campos disciplinares: a Antropologia, a Educação e a Museologia; com o intuito de revelar as novas práticas de museus dentro de comunidades que não tiveram a oportunidade de expressarem seus valores sociais e culturais. A partir do fazer etnográfico no Ponto de Memória da Terra Firme, no bairro da Terra Firme, Belém do Pará, entende-se que ocorre dentro dos museus comunitários uma relação entre o social e o material, onde os valores, idéias e distinções sociais são reproduzidas e legitimadas, ou, transformadas, a partir de relações sociais que se instalam na cultura material.

Palavras - chave: Coleções. Cultura Material. Museus Comunitários. Ponto de Memória da Terra Firme.

1. Introdução

A extensa bibliografia sobre museus aborda que o seu surgimento se deu a partir do ato de colecionar, dado pelo desejo do homem em fixar materialmente o passado para a melhor compreensão do tempo presente. Com o advento da Nova Museologia em meados do século XX (MOUTINHO 1993; LERSCH e OCAMPO 2004; SEPÚLVEDA 2005; VARINE 2009 CHAGAS e GOUVEIA 2014), os museus passam a desenvolver ações de caráter político e social que implicam na forma de exprimir a realidade das comunidades representadas, atribuindo-lhes o poder de escolha e seleção sobre que *coisas* as representam. Visto que os objetos nos museus e suas coleções podem evocar lembranças subjetivas, por nos serem familiares ou por simplesmente nos remeterem a experiências prévias.

2. Objeto

A cultura material exigida e salvaguardada dentro dos Museus Comunitários.

3. Objetivos

Identificar que coisas são salvaguardadas e exibidas dentro dos museus comunitários; e, qual a relação das pessoas (visitante e detentor) com essas coisas.

4. Metodologia

Por meio do diálogo entre as teorias antropológicas, museológicas e da educação realiza-se o fazer etnográfico frente as relação museu comunitário e coisas dentro Ponto de Memória da Terra Firme, experiência de museologia comunitária em Belém-Pa.

5. Resultados de Pesquisa

O trabalho, em questão, trata-se da reflexão de três pesquisas (duas teses de doutorado e uma dissertação de mestrado) realizadas na Universidade Federal do Pará, por meio do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e do de Educação que buscam dialogar com os campos disciplinares da Antropologia, da Educação e da Museologia. Com o propósito de observar e vivenciar percepções dos sujeitos envolvidos no processo de formação de museus dentro de comunidades que não tiveram a oportunidade de expressarem seus valores sociais e culturais. Compreendendo os museus comunitários como ferramentas para a construção de sujeitos coletivos em que a comunidade se apropria dele para propiciar a reflexão e a crítica em torno da sua própria história (LERSCH, OCAMPO; 2004). Nessa perspectiva, defende-se que os museus assumem outra responsabilidade, atuam como gestor social por meio de propostas museológicas que reflita o interesse da comunidade. O museu deixou de ser lugar de realidade do outro para ser lugar de realidade si, a partir de uma relação de negociação entre os diferentes atores. Portanto, observa-se que alguns grupos que antes eram mais conhecidos como objetos de estudo, exibidos nos grandes museus, passaram a se impor como sujeitos ativos em relações interculturais que se afirmam dentro de instituições sociais, como os museus comunitários (ABREU e FILHO, 2007). Segundo Varine “o museu normal, qualquer que seja sua definição, é feito com as coisas, o museu comunitário é feito com as pessoas” (2005, p. 4). A afirmação do autor não, necessariamente, exclui as coisas dentro dos museus. O que ocorre, segundo Lersch e Ocampo é que o “objeto não é o valor predominante, mas sim a memória que se fortalece ao recriar e reinterpretar as histórias significantes” (2004, p. 3). Nesse sentido, procura-se discutir sobre essa relação material/imaterial e coisas/pessoas; a partir do entendimento de Daniel Miller (2013) em que *coisas* vão além da forma física, são como um sistema de trechos e/ou troços, que usadas como sinônimo, “na sua ordem interna, fazem de nós as pessoas que somos” (*Ibidem*, p. 83). Compreende-se assim que as coisas nos constroem enquanto sujeitos e atribuem significações da vida cotidiana enquanto seres humanos. Dessa maneira, entende-se que ocorre dentro dos museus comunitários uma relação entre o social e o material, visto que as formas materiais são meios efetivos onde os valores, idéias e distinções sociais são reproduzidas e legitimadas, ou, transformadas, a partir de relações sociais que se instalam na cultura material. Onde se reconhece que os objetos além de possuírem valores sociais e simbólicos, são considerados como parte de todas as sociedades humanas e desempenham um papel vital no funcionamento delas (GELL 1992) como, por exemplo, o de ajudar a manter a estabilidade da mesma e fortalecer seus vínculos. Sob a ótica de Gell (*Ibidem*) não só existem relações objetos-pessoas, mas as pessoas e objetos são inseparáveis. As *coisas* nos museus comunitários podem ser qualquer coisa que está em volta da comunidade, emaranhadas no dia-a-dia, mas não necessariamente isoladas e sacralizadas. Assim, acredita-se que as coisas criam e recriam os museus comunitários, à maneira que constrói os sujeitos detentores de tais *coisas*. Elas circulam e transitam no território, podendo até não ser notadas pelos visitantes dos museus, mas isso não seria relevante. O importante é que são patrimônios selecionados, reconhecidos e legitimados pela comunidade que gera e mantém o museu. Desse modo, observa-se que as *coisas* emaranhadas no bairro da Terra Firme estão presentes nos postos, placas e fios elétricos, estrutura presente em muitas periferias de centros urbanos no Brasil. É interessante notar que nem sempre é o belo ou o diferente, são *coisas* que passam despercebidas por permanecerem entrelaçadas no ir e vir do morador. Às *coisas* são atribuídos valores e significados que envolvem conquista, poder e transformação para o morador, elementos que contribuem para o ser/estar do indivíduo, fazendo com que seja o que e quem é e compreendidos como patrimônios porque se atribui a essas *coisas* sentidos e significados novos, agenciando o morador em novas formas de agir.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. 2007. **Tal Antropologia, qual Museu?** In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario de Souza; Santos, Myrian Sepúlveda dos (org.). *Museus, coleções e patrimônios; narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: GARAMOND, MIC/IPHAN/DEMU (Coleção Museu, Memória e Cidadania)

CHAGAS, M. GOUVEIA, I. 2014. **Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)**. In: *Cadernos do CEOM*, Ano 27, n. 41. *Museologia social*, p. 9 – 22.

GELL, Alfred. **The Technology of Enchantment and the Enchantment of Technology**. In: Coote, J.; Shelton, A. (eds.). *Anthropology, Art and Aesthetics*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

LERSCH, T. M.; OCAMPO, C. C. 2004. **O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?** Kansas City: Conferencia Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas. (Tradução: OM Priosti – Maio de 2008). Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=5>. Acesso em 6 jun. 2014.

MILLER, D. 2013. **Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar.

MOUTINHO, M. 1993. **Sobre o Conceito de Museologia Social**. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, v.1, n.1.

SEPÚLVEDA, M. S. 2004. **Museus Brasileiros e Política Cultural**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*.v. 19, n. 55. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a04v1955.pdf> > Acesso em: novembro 2015

VARINE, H. 2009. **O museu comunitário é herético?. Coletânea de Artigos, Rio de Janeiro**. Disponível em:< <http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=7>>. Acesso em: 15 nov. 2009